

divide e segrega a Lagoa em dois territórios. Cada entrada na Lagoa foi um exercício de reconhecimento desse lugar turístico, ativado pela observação sistemática dos bichos. O vídeo *Ilha dos Amores* evidencia um tempo em suspensão. Um ato de observação contemplativa que captura os pequenos movimentos dos animais, a água em estado de pureza variável, um suposto paraíso. *Ilha dos Amores* trata da vida dos pássaros migrando para dentro da circularidade do Auditório do Museu. Sempre gostei da ideia da migração. *Mercado Livre* também, por sua vez, busca operar em um outro viés do recurso da expedição: os azulejos originais, perdidos no tempo, são encontrados à venda e adquiridos pela internet. Nessa busca, uma espécie de restauro histórico acontece, ao retornarem fisicamente para o Museu, recompondo o edifício modernista. Curiosamente, o mesmo ornamento, editado em tempos distintos, tensiona os princípios de adequação de uso, originalidade e cópia revestindo cronologicamente igreja, museu, casa e hospital.

Completando o itinerário proposto pelo Museu de Arte da Pampulha, visite também, no centro da cidade, a intervenção urbana de Nydia Negromonte *Jasmim do Cabo*. A intervenção foi desenvolvida em 2010 na casa anexa ao Instituto Undió, situada na rua Padre Belchior, 280. A casa estará aberta à visitação durante todo o período da exposição, de terça a sexta, das 10h às 16h e aos sábados, das 10h às 14h. A entrada é franca e as visitas mediadas.



Nydia Negromonte nasceu na cidade de Lima, no Peru, em 1965, e mudou-se para o Brasil com dois anos de idade. Viveu em São Paulo, Porto Alegre e Barcelona, Espanha, até fixar-se em Belo Horizonte, onde trabalha atualmente. Artista com especial dedicação ao desenho e às técnicas pouco convencionais da gravura, investiga formas, capturas, processos e acontecimentos artísticos originados na observação atenta do cotidiano doméstico.

Renata Marquez é curadora do Museu de Arte da Pampulha.

Museu de Arte da Pampulha

Av. Dr. Otacílio Negrão de Lima, 16.585 Belo Horizonte MG Brasil 31365-450
Tel 55 31 3277-7946 | Fax 55 31 3277-7996 | map.fmc@pbh.gov.br
Terça a domingo, das 9h às 19h
Entrada franca | Visitas mediadas
Ônibus 2212B e C, 2213, 2215A, B, C e D

amap

map

CULTURA
FUNDAÇÃO MUNICIPAL



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

www.pbh.gov.br

Museu de Arte da Pampulha

Projeto Arte Contemporânea 2011
14 de abril a 30 de junho de 2012

Lição de coisas

NYDIA NEGROMONTE

Renata Marquez – Notamos aqui a proposta de transformação do espaço do Museu em uma espécie de sistema doméstico. Reconhecemos como familiares os objetos utilizados – tubos, tanques, duchas, mangueiras, alimentos... – mas eles estão realocados num novo lugar ambíguo, que faz coexistirem o doméstico e o institucional; o privado e o público; o particular e o universal; o pedagógico e o artístico. Mesmo porque esse novo espaço não se encerra oferecendo privacidade mas, ao contrário, ele é superexposto, promovendo uma visão ampla e autoexplicativa do sistema como um todo. O universo doméstico é experimentado como um modelo possível de entendimento e explicação do mundo?

Nydia Negromonte – As ações apresentadas foram extraídas de uma observação curiosa do universo doméstico, mas aqui no Museu elas estão situadas em outra escala. Primeiro, porque notamos que é um tanque em vez de uma pia; depois, porque, nessa ação de lavar, não temos toalha nem sabão. Há um ato incompleto que é oferecido para o visitante experimentar... Ao lidar com o uso da água nesse lugar ambíguo, *Hídrica: Episódios* dialoga intimamente com o espaço institucional, pois um dos pontos centrais é justamente esse “gato” hidráulico: você utiliza um recurso do equipamento cultural público que fica disponibilizado aos visitantes através da construção e ativação dos episódios. Todo o sistema tem sua gênese no acoplamento de *Hídrica* com a caixa d’água do Museu. Mas, quando o visitante propõe ações no corpo do trabalho, o uso público se torna uso individual. Você pode vir aqui e aguardar o jardim do Museu, por exemplo: normalmente há órgãos responsáveis por fazer isso, mas aqui é o visitante que assegura a manutenção da casa (Museu). Há uma horizontalidade na relação do público com a água do Museu. *Hídrica: Episódios* é o mediador dessa relação. Uma hidrografia que torna

aparente o desenho do fluxo da água e remete, ainda, à irrigação interna das pessoas, das plantas, do solo. A água desenha espaços. É interessante pensar que a água possui um fluxo contínuo. Que a água da China ou do Peru é a mesma, estando sempre interligadas, independentemente da sua geografia. A água é um condutor contínuo e atemporal, pois a água do século XV é a mesma que está aqui hoje. Ela vai sendo transformada, mas é sempre passível de retorno. Nesse novo sistema doméstico, há também *Espelho Cego*, uma cortina instalada no lugar errado. Originalmente, a cortina serve para impedir a entrada de luz ou como eficaz mecanismo para proporcionar privacidade, velando as relações de reciprocidade entre espaço interior e exterior. Aqui, a função dela foi deslocada. Quando o Museu está vazio, o reflexo no espelho torna-se a sua única imagem possível. Nessa intervenção, a vedação ou obstrução redimensiona a arquitetura, impossibilitando essa autoimagem.

Renata Marquez – O termo “lição de coisas”, popularizado em Paris no século XIX, propunha um método de ensino intuitivo, no qual vinham as coisas antes das palavras. Esse método gerou ilustrações que foram publicadas em uma série de manuais, imagens que você importa e aplica aqui num gabinete de curiosidades que é ao mesmo tempo um álbum de família e um acervo bibliográfico. Somos posicionados como observadores na fronteira entre a parede da sala de visitas e o espaço de estudo da biblioteca. Esse ato de nos fazer colecionar e recordar é uma estratégia para lidar com a instância da memória não de uma maneira nostálgica mas, como você falou uma vez, sob a forma de “uma memória construtiva”. Trata-se de experimentar com a ação mas também de refletir sobre a construção dessa memória?

Nydia Negromonte – Realmente não me interessa perseguir uma memória afetiva. Trata-se de um álbum do meu acervo pessoal, mas não tenho interesse direto em revelar os detalhes de quem é quem nas fotografias. Em *Jasmim do Cabo*, intervenção urbana no anexo do Instituto Undió, eu não queria perseguir a história real contida naquelas imagens. Nunca fiz esse tipo de pergunta, apesar de muitas vezes as informações se apresentarem a mim. As histórias sempre vêm à tona naturalmente, mas são muitas histórias possíveis, carregadas de avanços e recuos no tempo. Na fotografia *Escalera*, estudantes de Arquitetura do Peru em viagem de estudos ao Uruguai são levados uma vez mais a visitar outro espaço emblemático da história da arquitetura: o Cassino da Pampulha. Na série *Lição de Coisas* ocorre o mesmo:

são duas imagens com as quais você, ao buscar uma relação de correspondência entre a gravura e a fotografia, fica na fronteira discursiva entre os dois campos da imagem, imersa em construir diálogos. *Lição de Coisas* ocupa um lugar central no corpo da exposição, à maneira de um campo irradiador de proposições. É realmente o elo, o ponto de partida do qual as relações poéticas se estabelecem no decorrer da construção da exposição. A água é um elemento catalisador fluido, que aparece muitas vezes nessas imagens, seja através da pesca, da navegação ou da rotina de assepsia. A busca de correspondências entre as gravuras e as fotografias é um exercício cuidadoso de observação, aqui tratado também como um pensamento de desenho. Já em *Hídrica: Episódios*, o fluxo da água constrói desenhos no espaço, ativando outras arquiteturas no Museu. Aproximo os episódios hídricos com as situações veiculadas nos manuais clássicos de *Lições de Coisas*. No Museu, apresentam-se em três dimensões, tal como um capítulo expandido. *Nota de Prova*, que inclui o ofício da impressão gráfica nas cápsulas de hortaliças, *Poda* (uma ação filmada exposta na sala de vídeo do Mezanino) ou o ato de embrulhar as frutas, moldando-as com argila, são também atos de desenho. Para mim, esses atos são planos de memória e trazem um grande legado de experiências adquiridas.

Renata Marquez – As cinco expedições que você fez à Ilha dos Amores, na Lagoa da Pampulha, em dias e horários diferentes – que geraram o trabalho de mesmo nome instalado no Auditório do Museu –, constituem uma prática artística na fronteira entre a observação artística e a observação científica, reeditando criticamente o olhar dos viajantes do século XVIII que chegavam nas Américas e encontravam uma natureza sublime...

Nydia Negromonte – O que mais me chamou atenção em tais expedições, além da sensação de estar navegando dentro da Lagoa da Pampulha pela primeira vez, foi a resistência dos animais em insistir na ocupação dessa paisagem. Uma resistência do lugar sublime ou paradisíaco que eles convencionalmente representam em nosso imaginário. Se você olha uma garça se banhando ou um ninho de mergulhão, imagina que tudo ali continua funcionando na natureza urbana da Lagoa da Pampulha. Mas quando você observa de perto um colhereiro, sabendo que, quanto mais rosa é a sua plumagem, mais limpo deve estar o seu *habitat*, nota que o colhereiro está quase branco. Espécie de termômetro cromático natural de que a situação ali não está nada boa. Paradoxalmente, a quantidade de ninhos de biguás é enorme, o que parece atestar o estado de vigília permanente desses habitantes. Há um filtro que